

A POESIA FEMININA COMO FORMA DE HUMANIZAÇÃO

Idalina Meurer¹²

Profa. Dra. Vera Maquêa¹³

Resumo: Este artigo pretende discutir a contribuição da mulher como autora na formação da Literatura em Mato Grosso, como também da inscrição deste ser feminino no contexto sócio-político e cultural deste lugar que geopoliticamente se constituiu nos anos de 1723. Entre homens que ainda se embrenhavam nas matas e seguiam a cartilha do coronelismo, tem-se na figura de Maria Dimpina, uma das fundadoras da Revista *A Violeta*, a substituição da força bruta pela força da palavra, a tinta e o papel, mulher que desconstrói e constrói histórias, revolução. Marilza Ribeiro, pouco tempo depois, traz uma poesia repleta de anseios sociais, na qual a força expressiva da palavra fornece um instrumento de contestação. Inscreve-se na história mato-grossense a literatura feminina.

Palavra-chave: Literatura; Mulher; Formação da Literatura em Mato Grosso; Maria Dimpina; Marilza Ribeiro; Poesia Feminina.

Abstract: This article discusses the contribution of women in training as the author of Literature in Mato Grosso, as well as the inclusion of the female being in the socio-political and cultural geopolitically that this place was formed in year 1723. Among men who still embroiled the woods and followed the playbook of colonels, has the figure of Mary Dimpina, a founder of The Violet Magazine, the substitution of brute force by the force of the word, ink and paper, which deconstructs woman and builds stories, revolution. Marilza Ribeiro, shortly afterwards, brings a poetry full of social concerns, in which the expressive power of the word provides a means of defense. It falls in the history of Mato Grosso feminine literature.

KEYWORDS: Literature; Woman; Formation of literature in Mato Grosso; Maria Dimpina; Marilza Ribeiro; women's poetry.

A Literatura em Mato Grosso

Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, cuja fundação remonta ao final do Século XVII, guarda muitas histórias. Sua colonização se deu como nas demais cidades deste país, sendo assim ela também carrega a saga de homens e mulheres que vieram para este recôndito lugar onde quase nada existia e tudo estava por se fazer, da abertura de estradas às necessidades mais básicas da população.

12 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso /PPGEL-UNEMAT. e-mail: idalinameurer@hotmail.com

13 Pós doutorado na Université Sorbonne-Nouvelle - Paris 3 (2011). Professora da disciplina de Literatura e vida social nos países de língua portuguesa.



O tempo passou e com ele vieram as muitas mudanças. Nesta terra rica e fértil, em que sobre ela cresciam as árvores imensas que despertaram os olhos dos madeireiros e serviram de inspiração para o nome deste Estado em formação: Mato Grosso. Embaixo destas mesmas terras estavam guardadas as minas de ouro que despertariam as ambições dos garimpeiros. No estado de Mato Grosso também se plantou o café, se produziu o leite e espaços inteiros de florestas se deitaram para que os fazendeiros pudessem pisar-lhe com inúmeras cabeças de gado. E assim, como no dito popular de que quem conta um conto aumenta um ponto, dos dizeres de que aqui era um lugar bom de viver, produzir e enriquecer formou-se não só Cuiabá, como as muitas cidades deste estado. Contudo, a despeito da passagem do tempo, o Estado de Mato Grosso ainda mexe com o imaginário de quem ainda não teve oportunidade de conhecê-lo. Nesse sentido, é possível afirmar que ainda há aqueles que, longe das terras mato-grossenses, acreditam em onças que passeiam pelas ruas, adentram as casas, espalham o medo e ceifam vidas.

Este breve e necessário registro histórico-cultural cumpre o desejo de reafirmar que toda construção de espaços físicos ou não, estão permeadas pela luta e suor de pessoas que não terão seus nomes transcritos nos livros de história, tão pouco irão se revelar nas lendas que se espalham sem autoria, entre as tantas invenções que marcam a formação de um lugar e sua população. Compreende-se que assim também foram os caminhos percorridos pela Literatura, pois há ainda os que duvidam que a boa literatura também possa ser produzida em terras tão “selvagens”.

Assim, nomes como o de Maria Dimpina, tão menina, tão moça, tão mulher, em que a sua participação na criação da Revista Feminina *A Violeta*, publicada em Cuiabá entre 1916 e 1950, resultou na inscrição da sua história, como na de tantas outras mulheres, no contexto Literário mato-grossense. *A Violeta* apresentou a mulher para a mulher, retratou a figura dela e para ela, retratou também coisas que a mulher não sabia que já poderia discutir e principalmente opinar: estradas, política, educação, profissionalização da mulher.

Pela sua intensa produção criativa, bem como pelo seu percurso dedicado às práticas socioculturais no início do Século XX, Maria Dimpina representa um marco na formação do pensamento desta mulher contemporânea, que não mede palavras, que as usa como asas, que representam a paz e também a libertação. (subjetividade)

Dentro do contexto de formação da Literatura Feminina em Mato Grosso, Dimpina enquanto representante ativa nas associações lítero-culturais torna-se um exemplo, a fonte de inspiração para trazer o nome de Marilza Ribeiro, mulher, poetisa, que parte de uma diversidade cultural pouco compreendida, que abraça causas, que luta, que constrói e desconstrói universos? Que não tem medo das onças e dos jacarés, que se reconhece neste universo de belezas naturais, mas que também é marcado pela opressão,

em que o “homem” precisa de uma voz para resgatá-lo à vida, à liberdade, à luta. Marilza faz parte de uma lista de mulheres que produziram mais que literatura em Mato Grosso, a utilizaram como forma de buscar um tempo de mudanças, de avanços, de libertações e quebra de paradigmas. Sua produção é marcada pela temática das questões sociais: do homem oprimido a criança que sofre com esta opressão, da força do poder daqueles que escravizam os que nada têm, da mulher que mais que ser compreendida, quer compreender-se, em toda a dimensão de sua coragem para a luta, para seus desejos e seus sentimentos.

Assim, tem-se uma literatura feminina em que a fragilidade destinada à mulher não a corrompe, não a impede de escancarar o que pensa e, quem sabe tecer a mudança que fortalecerá ainda mais o estado e o país. Ela faz da arte de escrever um ato de solidariedade e um grito de libertação, pois suas poesias são marcadas pelo desejo de tirar o “homem” do comodismo em que se encontra e fazê-lo despertar.

Há ainda uma Marilza Ribeiro, escritora que registra que transcreve as sensações, os desejos erotizados, as proibições de muitas outras mulheres. Sentimentos que para muitas seria impossível de se sentir, dizer, escrever, publicar. Um erotismo que parecia impossível às mulheres, mas que ela não se furtou de sentir e ainda de publicar.

Mulher e Literatura em Mato Grosso

Qual poderia ser o pensamento da mulher numa cidade distante dos grandes centros, onde quase tudo está por se fazer e o que representa sua escrita no contexto político-sócio-cultural?

Em Mato Grosso, segundo Lenine C. Póvoas, foi a partir de 1930 que Cuiabá viveu a fase mais brilhante de seu desenvolvimento cultural: entidades de ensino, associações culturais e órgãos de imprensa fizeram com que se instaurasse a vida cultural na capital do estado.

No período de 1937 a 1945, o presidente Getúlio Vargas instituiu o cargo de interventor, um dos meios que encontrou para interferir nos estados e de ter mais controle político. Homens que, ao comando dele, administravam o estado. Interventores constantemente substituídos, devido ao regime de obediência. O presidente valeu-se desse recurso em quase todo o país.

Este contexto de subserviência política faz com que se destaque ainda mais o nome de Maria Dimpina, assim como, a atuação de um grupo de mulheres que criaram e fizeram circular, de dezembro de 1916 a março de 1950, a revista feminina mato-



grossense *A Violeta*, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes. Que embora o nome de flor remeta ao símbolo do belo, da perfeição, da singeleza e da delicadeza, as idealizadoras da revista se valiam deste veículo de comunicação para difundir uma diversidade de temas trazendo à tona assuntos relacionados a campanhas educativas de higiene e saúde, promovendo discussões sobre política, beleza, natureza e amor, aos que desmitificavam a atuação feminina como os relacionados às lutas pelo progresso da região, à educação e à profissionalização da mulher.

A inserção da mulher na escrita mato-grossense é atualmente fonte de muitas pesquisas. Abre novos espaços de discussões sobre seus pensamentos, desejos, ideais, conforme mostra Yasmim Jamil Nadaf (2009), em *Estudos Literários em livros, jornais e revistas*.

Seus escritos, vindos, grande parte deles, de mulheres simples e lutadoras – umas escritoras, outras professoras, funcionárias públicas e autônomas, jovens e donas-de-casa – revelam-nos tanto o universo dessas mulheres que os escrevem como o daquelas a quem escrevem: um mundo recheado de criações literárias, desejos, lutas, frustrações, modo de ver e de viver a vida, e o dúbio pensamento ideológico conservador e de progresso (NADAF, 2009, p. 20).

As palavras de Nadaf trazidas ao contexto da participação da mulher na formação do Estado de Mato Grosso, que enfrentava um sistema de governo marcado pelo coronelismo, faz com que se destaque ainda mais as suas lutas pela educação e pelo direito de participação da mulher nas discussões políticas e sociais. Destacando-se as relacionadas à estrada de ferro, indústria, agricultura, transporte urbano coletivo, saneamento, crescimento econômico, colonização, saúde.

Ao buscar este lugar de atuação feminina em que se destaca a figura de Maria Dimpina, encontra-se uma adolescente que, aos 16 anos, formou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano em 1909, exerceu o magistério e foi uma das fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes. Entre outros marcos da sua atuação em favor da figura feminina, destaca-se também o fato de ela ter sido a primeira mulher do estado a ingressar na carreira pública federal.

A produção criativa de Maria Dimpina foi composta pela diversidade dos assuntos abordados como também por “ditar regras sociais” e, embora conservadora, foi também “defensora de mudanças educacionais, culturais, políticas, urbanísticas, assistenciais e tecnológicas” (NADAF, 2009, p. 25). Causas como trabalho remunerado para a mulher, desenvolvimento intelectual para a região e denúncias de irregularidades de governantes marcaram seu compromisso de informar e seu desejo de formação e conscientização crítica de seus leitores.

Em *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, (2009) um excelente trabalho de pesquisa organizado por Zahidé Lupinacci Muzart, destaca-se a contribuição de Yasmim

Jamil Nadaf, que coletou algumas crônicas de Dimpina, assim como o discurso proferido por ela na inauguração da Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino, no Palácio da Instrução em julho de 1934, um registro da sua contribuição para que a mulher pudesse transitar, com consciência, por todos os espaços, sem as restrições destinadas ao sexo feminino até então.

[...] promulgada a Constituição desta segunda fase da República Brasileira e nos sendo nela outorgados o direito de cidadania, estamos por isso mesmo de parabéns, mas obrigadas a nos prepararmos para que possamos cumprir conscienciosa e inteligentemente estes mesmos direitos (MUZART, 2009, p.809).

Este chamado a responsabilidade de se preparar para o horizonte que ora se abria, era para ela rosas, que apesar de belas deveriam ser colhidas com cautela e preparação para as lutas que iriam surgir, dentre elas as políticas, salariais e as oportunidades no mercado de trabalho, afirmava ainda que “as médicas e as advogadas não impedirão que haja cozinheiras habilitadas e ótimas donas de casa, como os generais e os doutores não impediram que houvesse operários e agricultores, de mãos calejadas, nos duros serviços de sua profissão” (MUZART, 2009, p. 814).

Numa resposta a um amigo que a julgava enciumada pela vinda de aeroplano a Cuiabá, publicada na Revista *A Violeta*, em março de 1929, espaço intitulado como “Correspondência de D. Marta”, Dimpina aduz:

Mas... ciúme? Pensamento antiquado? (que sei eu?!) uma ideia fixa tenho a respeito das locomotivas! São elas, e elas só ainda, que podem resolver os nossos problemas principais – a indústria, o povoamento do solo, a agricultura, o comércio. A pecuária se desenvolverá com a fácil introdução dos espécimes escolhidos; a exportação será vantajosamente feita; os trabalhadores procurarão as nossas terras espontaneamente, os grandes industriais perdendo o medo da distância [...].

[...] quero dizer-lhe, caro amigo, é que este progresso não substitui o outro e nunca a ocasião é mais oportuna que agora para exigirmos dos responsáveis pela escolha de nossos representantes [...] espíritos cultos, progressistas, capazes de conquistar para este Estado tudo o que lhe é necessário (DIMPINA, 2009, p. 802).

Este posicionamento político-social, assumido pela escritora ao redigir sua resposta sem desrespeitar outras opiniões e tão pouco abrir mão das suas prerrogativas, faz de Maria Dimpina uma mulher muito à frente de seu tempo. Uma mulher que escreveu com o intuito de libertar não só a mulher, mas o ser humano e acreditava que estes deviam buscar “na iluminação da inteligência o aperfeiçoamento da arte, na instrução a força que quebre o laço da escravidão, laço este que só pode ser um – a ignorância” (DIMPINA, 2009, p. 800).



Faz-se necessário ressaltar que este passeio pelo passado e pelo exemplo deixado por uma das tantas mulheres que fizeram história, cultura, educação e literatura em Mato Grosso, não é necessariamente um desejo de contrapor a atuação de homens e mulheres, mas de destacar este ser feminino que a história, ou mais especificamente um viés dela, tenta mistificar como personagem escondido, ofuscado pelo homem - aquele que merece as glórias porque desbravou as terras longínquas e enfrentou as selvas, derrubou as matas e construiu as cidades, os estados, o país.

Assim, neste anseio de divulgar a atuação e participação da mulher em Mato Grosso, encontra-se o nome de Marilza Ribeiro, que nasceu em 1934, e cresceu em uma Cuiabá que vivenciava intensas mudanças culturais, políticas e sociais que marcaram sua atuação como mulher e como poetisa. A escrita de Marilza é a de quem faz da arte em manusear palavras uma ferramenta de libertação? Afrânio Coutinho diz que:

O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas, gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro (COUTINHO, 1993, p. 126).

Compreende-se que o artista diz e escreve pautado por tudo aquilo que vê, sente e que lhe causa um desassossego, porque compreende a força das palavras, pois conforme Antonio Candido, forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor.

Observa-se na obra de Marilza Ribeiro que ela vivenciou fases importantes da história de Mato Grosso e acompanhou dissabores políticos e sociais e os transcreveu em forma de poema, que para Octavio Paz (1996) significa a linguagem em tensão: em extremo de ser e em ser até o extremo. Extremos da palavra e palavras extremas, voltadas as suas próprias entranhas, mostrando o reverso da fala: o silêncio e a significação.

Dessa forma, pode-se dizer que se o poema é o extremo da palavra, a autora a utiliza e a transforma em poesia para chegar ao extremo da libertação dos homens e mulheres, braços que serviam como ferramenta na construção de uma cidade, de um estado, de um governo que impunha a opressão. Em *Corpo Desnudo* (1981), o poema “Estranha aldeia poluída” é a forma encontrada pela autora de denunciar este lugar da opressão.

Move-se a manhã
Como um ritual sagrado
Onde homens
Amargurados
Massacrados

Vestem seus trajes e máscaras
(RIBEIRO, 1981, p.15).

Esta escrita utilizada pela artista como forma de denúncia sobre o meio em que vive, daquilo que vê e causa indignação é conceituada em *Literatura e Sociedade* de Antonio Candido, que cita Saint-Beuve:

O poeta não é uma resultante, nem um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao desenvolver à realidade. (RIBEIRO, 1981, p. 28).

Neste caso, pode-se dizer que Marilza se apodera do dizer poético como forma de transmitir os seus anseios sociais, os seus desejos de mudança e as muitas contestações de uma realidade que ela acredita que, por intermédio da poesia, é possível mudar. Como reforço deste pensamento, busca-se mais uma vez as palavras de Candido, quando diz que a poesia é um tipo de linguagem, que manifesta o seu conteúdo na medida em que é forma, isto é, no momento em que se define como expressão. Marilza o faz assim:

[...]
na ronda dos pesadelos
e das leis
da opressão...

Os donos-das-cerimônias
e da Ordem
exigem o culto
da força
onde o mais fraco
é sempre caçado
e perseguido... (RIBEIRO, 1981, p. 15).

Assim, parece impossível deixar de significar esta poesia como uma contribuição, que utiliza do dizer poético, para denunciar um contexto social do qual, a princípio, o mais difícil de encontrar seria a poesia, que está sempre associada à leveza e ao belo, mas que a autora faz deste recurso o seu lugar de contestação. O que é compreensível ao analisar as palavras de Octavio Paz de que o dizer poético diz o indizível (p. 49). Marilza diz, contesta:

Derrotaremos os tiranos



para que os sorrisos e rosas
perpetuem numa era de paz
que ilumina nossa manhã
desde agora. (RIBEIRO, 1981, p.57).

A partir deste fragmento é possível refletir sobre as palavras do crítico citado acima, quando ele diz que a experiência poética – original ou derivada da leitura – não nos ensina nem nos diz nada sobre a liberdade: é a própria liberdade desdobrando-se para alcançar algo e assim realizar, por um instante; o homem (RIBEIRO, 1981, p. 58). Compreende-se então que o “homem” por inteiro nasce de suas lutas, a ferramenta utilizada por Marilza Ribeiro é a arte de entrelaçar palavras carregadas de significação.

O dizer e o fazer poético em Mato Grosso

Marilza Ribeiro lança seu primeiro livro em 1973, embora Mato Grosso tivesse avançado com a atuação das mulheres da Revista *Violeta* e outras tantas nas lutas diárias e sem publicidade, havia muito por se fazer. A revolução da juventude por espaço, direito a autenticidade, trabalho, educação, liberdade de expressão entre outras. Eram tempos de embates diários no espaço público, no mercado de trabalho, na conquista profissional em diversas áreas, pois muitos espaços até então eram frequentados apenas pelos homens, dentre eles o espaço de escrita e publicação feminina, utilizado timidamente pelas mulheres não só em Mato Grosso, como também no resto do país.

A escrita de Marilza Ribeiro traz a percepção do compromisso da literatura e o meio no qual ela vive. Faz lembrar o conceito de Ezra Pound (2006), quando diz que:

A literatura não existe num vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência COMO ESCRITORES. Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com o ponto de vista de cada um (POUND, 2006, p.36).

As palavras se entrecruzam, se enlaçam e se abraçam para produzir no leitor um chamamento que traduz o compromisso social que Marilza Ribeiro assume em sua obra, como por exemplo no poema Noticiário:

[...]
Nossos corpos vestem então as estruturas
das leis que nos escravizam.
Carregamos tarefas que nos deformam
com seu peso imenso de correntes de ferro
[...]

Quantos homens venderão as suas verdades
Por causa do lucro e do alimento! (RIBEIRO, 1981, p. 63).

Este dizer poético permeado de compromisso social é reforçado por Octavio Paz, que afirma que sem a palavra comum não há poema: sem palavra poética, tampouco há sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma. A palavra poética é histórica em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios: no de construir um produto social e no de ser uma condição prévia à existência de toda a sociedade. (RIBEIRO, 1981, p.52).

Segundo Zilbermann (2009) defende, em *Estética da recepção e história da literatura*, o leitor, este ser para quem a autora produz a quem quer instigar uma atitude mobilizadora perante suas poesias, é designado por Hans Robert Jauss, como o “Terceiro Estado”, que o vê como condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social (p.10). A poesia “O falar do agora” (1981) é produzida para este leitor.

E falarei de tudo que é minha hora e meu século!
Falarei sobre o moleque revoltado que, com sua mão franzina,
Atirou a pedra no hotel de luxo...
Falarei sobre o peito nu do operário que tem a camisa rasgada e que
Assobiando, ainda soluça pelo amigo q perdeu (RIBEIRO, 1981, p. 51).

Qual o destino destas palavras? Para Jauss (1994) é importante que se mantenham os sentidos em forma para perceber, compreender e interpretar da melhor maneira possível sua ocorrência. [...] o leitor é encarado como o principal elo do processo literário (JAUSS, 1994, p.12).

Dentre as linhas utilizadas para compreender o leitor enquanto receptor, a de Jane Tompkins (1994) procura assegurar a existência de uma comunidade intelectual homogenia e diz que:

Um poema não pode ser entendido independentemente de seus resultados. Seus ‘efeitos’, psicológicos ou outros, são essenciais para qualquer descrição acurada de seu sentido, já que este não tem existência efetiva fora de sua realização na mente de um leitor (JAUSS, 1994, p. 25).

Compreende-se que este leitor, das suas vivências na construção deste lugar guardava e se fortalecia na escrita provocadora de Marilza Ribeiro.

Então, este passeio por uma fase da história da formação da Literatura em Mato Grosso quer ter a função de instigar novos olhares, que se façam mais profundos. Este artigo procurou ser uma forma de dizer que daquilo que se está habituado a dar com



orgulho e honradez aos homens, por suas lutas, glórias e vitórias, e esta é uma parte da história que não se pode, tão pouco se quer mudar. O que se pretendeu aqui foi dizer que há muito que precisa ser dito sobre a atuação da mulher na formação da história deste estado, que ela participou e transitou ativamente em todos os espaços e que a Literatura foi um deles. Que dentre os nomes citados aqui, Maria Dimpina e Marilza Ribeiro, há ainda muitos outros nomes de mulheres que quebraram tabus e fizeram da sua produção literária uma ferramenta para abrir caminhos a um povo que, mesmo liberto, desconhece a liberdade.

Referências

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2004.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. Modernismo – História e Antologia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

JAUSS, Hans Robert . “O prazer estético e as Experiências Fundamentais da *Poiesis, Aesthesis e Katharsis*”. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor** - textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens. **História da literatura mato-grossense**. Cáceres: Unemat, 2005.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do Século XIX: Antologia**. Vol III. Florianópolis: Editora Mulheres, CNPq, 2009.

NADAF, Yasmin Jamil. **Estudos Literários em Livros, Jornais e Revistas**. Cuiabá. Entrelinhas, 2009.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

RIBEIRO, Marilza. **Corpo Desnudo**. São Paulo: Planimpress, 1981.

VILALVA, Walnice. **Identidade e nacionalismo: caminhos da historiografia literária brasileira**. Revista Alere, Universidade do Estado de Mato Grosso, v.1, n.1, 2008.

ZILBERMANN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

_____. **Estética da recepção e história da literatura**, São Paulo: Ática 2009.

